

EDITORIAL

EM 1967, um poeta mineiro disse: "Grave tempo o de agora em que a vida se decide num lance breve de dados". Em 1987, são graves os tempos.

Para ficar apenas no campo da educação, e em Minas Gerais, falaremos de três pontos:

• Num lance breve de dados, o Governador do estado de Minas Gerais decidiu, na calada da noite, pela exoneração de todos os membros do Conselho Curador da FAPEMIG (a nossa sonhada co-irmã da FAPESP). Feito fantástico o do Sr. Governador que, de uma penada, conseguiu dizer a, entre outros, sete membros da Academia Brasileira de Ciência que o estado dispensa seus serviços e seu saber; feito fantástico o do Sr. Governador, que conseguiu dizer não ao desenvolvimento da pesquisa de questões próprias à economia, à política, à agricultura, à geologia, à educação de Minas Gerais. A Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais parou. Vários pesquisadores tiveram o financiamento de seus projetos interrompido e foram obrigados a romper contratos de pessoal e de aquisição de material e equipamentos; vários pesquisadores debutantes na captação de recursos para a realização de um projeto – sonhado e suado – tiveram de, se não engavetá-los, pelo menos adia-los, ou de novo correr o chapéu na ciranda das fontes de financiamento.

O caso teve desdobramentos, mereceu matéria em revistas e jornais de grande circulação, alegaram-se "irregularidades" na composição do Conselho, e mantêm-se sem solução. No entanto, uma coisa é certa e pode ser profícua: com o ato do Governador, ficou a nu a fragilidade das instituições financiadoras da pesquisa nas suas relações com o Estado e com a Ciência. Ficou a nu a vulnerabilidade e a impotência a que os cientistas estão expostos nos governos obscurantistas (espernear é o único ato conclusivo possível), e permanece a constatação, inevitavelmente seguida da pergunta: o Estado dispensa a pesquisa e a produção do conhecimento; o que diz a sociedade civil?

• • Mais uma vez os professores universitários de todo o país pararam. Dizemos ao público – de dentro da Universidade – algumas coisas que aprendemos e pensamos ser hoje saber de todos:

1º É horrível fazer greve.

2º A greve foi a única medida que ao longo de quase dez anos foi capaz de restituir ao professor universitário seu lugar na hierarquia salarial do mercado de trabalho.

3º Do ponto de vista político, a greve de 1987 foi uma vitória: conquistamos pontos de pauta importantes e o movimento dos docentes mostrou-se rico, maduro e forte. Quem duvidar, que leia as avaliações das propostas feitas pelo Comando Nacional de greve e procure saber do andamento das negociações (atenção: evite a grande imprensa).

4º Do ponto de vista acadêmico, a política arrancada do MEC foi muito importante. Restituiu a hierarquia da titulação dentro da Universidade (afinal, é muito duro mesmo fazer Mestrados e Doutorados) e o brilho da carreira. Ainda que, infelizmente, não seja gritado a plenos pulmões, vale a pena dizer: é importante academicamente, e é financeiramente compensador e reconhecido, ser professor titular.

5º A promessa do PCS trouxe-nos a responsabilidade de repensar a avaliação interna (por que não?) e de manter a discussão política acesa a fim de que, se for necessário, recomeçemos tudo de novo, até a greve.

Não ganhamos tudo; ao contrário, precisamos continuar a lutar por uma aposentadoria digna, e pelos professores de 1º e 2º graus. E, por falar nisso...

• • • Encontram-se em greve, há mais de um mês, os professores do estado de Minas Gerais e da Prefeitura de Belo Horizonte. Não diferentemente de outros do resto do país, lutam por melhores salários, lutam pelo direito de desfrutar do mecanismo que possibilita ao trabalhador não morrer à míngua, diante da desenfreada inflação que assola o país. Há que ser dito: afinal, interessa – ou não – essa coisa de alfabetizar e fazer contas? Se sim, é bom pensar em abrir as escolas; os professores que temos, a despeito de tudo, vêm dando conta dessa tarefa. Se não, vamos deixar as escolas fechadas mesmo, mas é bom que "eles" não se esqueçam de uma coisa: a educação está em toda parte. Com as escolas fechadas, e todos na rua: a luta pelos direitos, a ironia e o desrespeito dos governantes. Mas, afinal, a decisão (mais cedo ou mais tarde, a favor de uns ou de outros) ensina a lição maior. Assim é que os povos são educados.